

Roda de conversa: Maria Luíza Angelim¹ e Carlos Brandão² rememoram Paulo Freire³

Ana Teresa Reis da Silva
Universidade de Brasília

Primeiras Palavras

Bom dia, boa tarde ou boa noite! Assim falou Maria Luíza Pereira Angelim numa tarde ensolarada da primavera de 2011, na sala Papius da Faculdade de Educação (FE), da Universidade de Brasília (UnB). Numa conjugação de esforços entre o Programa de Educação Tutorial (PET-Educação) e o Centro de Memória Viva (FE-UnB), um grupo formado por educadores, estudantes, professores e militantes tiveram o privilégio de vivenciar um encontro geracional. Um encontro de gerações compromissadas com as classes populares e empenhadas em vivenciar na prática às lições do educador brasileiro que no fim da vida tinha como única ambição: ser lembrando como alguém que amou as pessoas, as plantas, as crianças e os animais.

Paulo Freire sempre nos fez lembrar que juntar-se a sombra de uma mangueira, ao redor de uma fogueira, em volta de uma questão que nos inquieta, tanto nos agrega quanto nos distingue. Unifica-nos pela impossibilidade de nos humanizarmos sem o outro e nos distingue pela singularidade de nossas histórias, ao mesmo tempo coletivas e subjetivas. Foi esse o sentido da prosa entre Maria Luíza Pereira Angelim e Carlos Rodrigues Brandão, realizada em 02 de dezembro de 2011, como parte da programação do II Ciclo de Debate: Educação em Direitos Humanos, realizado pelo PET-Educação da UnB.

No ano em que se comemoram os 90 anos de Paulo Freire, recuperamos alguns episódios de sua vida relatados por seu amigo e companheiro de caminhadas, Carlos Rodrigues Brandão: psicólogo, antropólogo, professor universitário, educador, poeta, contador de histórias, escritor de inúmeras obras dedicadas à educação e à cultura popular, cuja vida e obra são marcadas pelo compromisso com as classes populares. Interlocutora nessa prosa, militante de uma vida inteira, educadora, professora universitária sensível à boniteza humana de que tanto falava Paulo Freire, Maria Luíza Pereira Angelim partilha com Carlos Brandão o resgate da esperança, do compromisso social e da amorosidade que marcaram a

1. Professora da Universidade de Brasília.

2. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

3. Este texto constitui a síntese da entrevista exibida na íntegra pelo programa *Diálogos da TV UnB*. A gravação foi feita pelo estudante Víctor Lino Bernardes (bolsista do PET-Educação) e a revisão do texto contou com a colaboração do entrevistado e da entrevistadora.

trajetória de Paulo Freire.

Na primeira parte da prosa encontramos o relato de Carlos Rodrigues Brandão sobre sua trajetória de vida e sua experiência com a Rosa dos Ventos, até o momento de seu encontro e da consolidação de sua parceria e amizade com Paulo Freire. Na sequência, Maria Luiza provoca Carlos Brandão a revisitar sua formação de psicólogo e sua inserção na pesquisa-ação pelas mãos de Freire. Na terceira e última parte, Carlos Brandão é convidado por Maria Luiza a refletir sobre três questões: a atualidade do pensamento de Freire, o partido como espaço de formação e o papel da universidade no processo de transformação social. Na esperança de que esse diálogo inspire às presentes e futuras gerações, desejamos uma excelente prosa.

Maria Luíza Pereira [ML]: Bom dia, boa tarde ou boa noite. Nós estamos aqui para iniciar o programa Diálogos da *TV UnB*, tendo hoje o prazer de receber o professor Carlos Rodrigues Brandão com quem vamos estabelecer uma prosa em torno de Paulo Freire. E pra começarmos eu queria que o Paulo: olha só! Vai ficar assim mesmo! Que o Carlos nos dissesse um pouco da sua trajetória, da sua vida.

Carlos Rodrigues Brandão [CB]: Bom, eu iria começar falando do Rio de Janeiro, mas eu acho que o ponto mais importante dessa apresentação é aqui mesmo. Na verdade no prédio aqui em frente [Faculdade de Educação – UnB]. Eu nasci no Rio de Janeiro em 1940. Até entrar na universidade vivia a vida de um carioca típico morador da zona sul do Rio. Ingressei na universidade em 1961, no começo da década que não terminou: a década de 60. Eu cursei psicologia, mas imediatamente ingressei na Ação Católica que foi por onde eu ingressei nos movimentos de cultura popular, através do Movimento de Educação de Base (MEB), cuja sede nacional era no Rio de Janeiro, lá na Rua São Clemente. Primeiro eu comecei a trabalhar com a Ação Católica: eu sou da geração de Betinho, Frei Beto, desse pessoal. Em 1963 ingressei no MEB com sede hoje aqui em Brasília e neste ano comemorou seus 50 anos. Justo neste ano em que nós estamos festejando os 50 anos da educação popular e os 90 de Paulo Freire, se estivesse entre nós.

Em 1964, eu vim à Brasília, estudante ainda de Psicologia e já participando de uma equipe que se chamava Animação Popular, no MEB. E vim fazer um trabalho de supervisão de formação em Goiânia. Mal sabia eu que também ia me apaixonar pela coordenadora do MEB de Goiás, Maria Alice, com quem estou casado até hoje: 45 anos!

Em 1966, interrompi o meu curso de Psicologia, casei e fui para o México. Não como exilado, mas para realizar estudos em um instituto da Unesco, especializado em alfabetização de adultos e em educação comunitária. Era uma cidade chamada Patzcuaro. Voltamos em fins de 66. E fomos, Maria Alice e eu, trabalhar aqui em Brasília, no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Naquele tempo chamava-se IBRA e ficava no distrito de colonização em Ceilândia: depois de

Ceilândia, lá no Rio Descoberto. E o que aconteceu? Num belo dia eu resolvi virar professor: pedi o jipe emprestado, vesti meu terno de casamento - era o único que eu tinha -, e me apresentei aqui na Faculdade de Educação (UnB) para a Diretora Lady Lina Traldi. Eu tinha um *curriculum vitae* de uma página e meia, era iniciante e disse a ela, de cara, que trabalhava no INCRA, que queria ser professor e que eu tinha me especializado em educação comunitária, educação de adultos e, até então, tinha trabalhado com educação popular. E ela me disse que infelizmente não havia vaga pra professor nessa área, mas estavam precisando de professor de filosofia da educação. E eu tive então um estalo bendito e disse: isso é comigo mesmo! É que eu também estudei filosofia, inclusive eu comecei meu curso em filosofia. Então, em agosto de 67, eu comecei minha vida de professor aqui na UnB à sombra de uma árvore, num dia muito quente. Convidei os alunos a sairmos da sala de aula e a minha primeira aula foi à sombra de uma árvore! Nesse tempo eu não conhecia Paulo Freire pessoalmente. O interessante é que ia haver um encontro com Paulo Freire em Goiânia. Inclusive, anos mais tarde eu entreguei a ele, mimeografado, o papel da convocatória: Encontro de Educadores do Centro-Oeste com Paulo Freire - Brasília, Goiânia, Goiás e Mato Grosso -, marcado para o dia 31 de março de 1964. E esse encontro não aconteceu por razões óbvias: o golpe militar.

Durante algum tempo eu trabalhei aqui na UnB. Minha vida de professor começa nessa casa e na Faculdade de Educação. Depois eu prestei concurso em Goiânia, pois eu queria mesmo era viver em Goiás e gostaria de fazer pesquisas lá. O que de fato aconteceu: em 1968, quando eu era ainda professor aqui ingressei na Universidade Federal de Goiás, na então Faculdade de Filosofia. Então voltei para a UnB em 1972 pra fazer o mestrado. É um caso curioso, porque esta foi uma Universidade onde eu fui primeiro professor e depois estudante. Eu fiz meus estudos de mestrado em antropologia, na primeira turma, fui orientado pelo Roberto Cardoso de Oliveira.

Vivi aqui no planalto central vindo seguidamente à Brasília e à UnB de 1967 até 1975. Em 1976 eu me transferi pra Unicamp e para a antropologia e fui fazer o doutorado na USP. E aí eu comecei a viver uma vida mais consolidada, iniciada aqui, que me acompanha até hoje. Estou aposentado da Unicamp desde 1997, mas continuo trabalhando em universidades. Estou agora na Federal de Uberlândia como professor visitante sênior. Quarenta e cinco anos pendulando entre uma vida acadêmica de professor, com meus orientandos agora da pós-graduação, com a vida ligada à educação popular e aos movimentos de educação popular. Agora mesmo estou vindo de João Pessoa. Cheguei hoje de um encontro de educação popular.

Então eu vim conhecer Paulo Freire em 1979, na breve vinda dele ao Brasil. Porque quando ele começou a programar a vinda dele ao Brasil, cogitou-se o meu nome para substituí-lo lá em Genebra, no setor de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Estive com ele na casa da Madalena Freire, e depois quando ele voltou

em 80. Em 1980 ele ingressa na Unicamp e depois na PUC-SP, e assim nós nos tornamos colegas de trabalho. Paulo Freire, Maurício Tractenberger, Dermeval Saviani, Moacir Gadotti e outros, criamos juntos o Centro de Estudos, Educação & Sociedade (CEDES), Unicamp, que existe até hoje.

Ainda em 1980, pouco depois de ter chegado, Paulo é convidado e faz a primeira viagem dele fora de São Paulo. Foi uma viagem para Goiânia para abrir um Congresso Nacional de Supervisores Educacionais. E nós viajamos juntos. Inclusive ele começou a passar mal no avião e me deu um susto grande, mas terminou tudo bem. Daí pra frente uma vida de muita amizade e companheirismo. Escrevemos juntos, viajamos juntos e fomos inclusive à Nicarágua logo depois da Revolução Sandinista. Paulo, eu e alguns outros brasileiros. Foi um Encontro Internacional de apoio à Revolução. E nós convivemos, hora em bancas de tese, hora em trabalhos mais junto a grupos populares, até o momento em que ele nos deixou. Eu publiquei em dois ou três livros alguns textos dele.

ML: Então Carlos, como é que fica na sua vida, antes de se ligar a esse caminho com Paulo Freire, a Rosa dos Ventos?

CB: Pois é a Rosa dos Ventos é outra história. Ela é uma experiência que tenta criar um espaço que traduza uma realidade de vivência do que a gente chama um compromisso popular e solidário. Uma interação afetiva, uma coisa muito forte marcada em mim desde a Ação Católica, o MEB e em experiências como as vividas junto a Paulo Freire. Um trabalho calcado na economia solidária, movimento ao qual eu estou ligado agora e que Marcos Arruda e outros companheiros pelo Brasil afora estão tentando agora, pros anos 2000 fazer uma ligação entre educação popular, sustentabilidade e economia solidária.

Estamos muito empenhados nisso. Então eu criei a Rosa dos Ventos que é uma casa aberta, é uma casa de acolhida de pessoas, uma chácara no sul de Minas Gerais. É uma casa sem tranca na porteira, sem porta trancada, onde as pessoas chegam, onde as pessoas vão por um dia, por um fim de semana, por um tempo maior. Algumas pessoas moraram lá durante um ou dois anos. O próprio Rubem Alves quando construiu a casa dele do outro lado da serra, morou lá na Rosa dos Ventos. Isso é um pouco o que eu sonho. Um pequeno socialismo, que começa em você aprender a socializar, a compartilhar o que é seu.

Eu tenho insistido muito nisso com as pessoas: que nós paremos um pouco de teorizar ou de pensar que as coisas acontecerão quando macro transformações ocorrerem e começar a viver uma vida de cotidiano na sala de aula, no envolvimento com o povo e nas ONGs, que traduzam de fato outra forma de vida. Esse tal “outro mundo possível” que a gente grita em todos os Fóruns Sociais Mundiais, que se traduza numa experiência do cotidiano. Então, economia solidária, a vocação de uma simplicidade voluntária e outros compromissos populares, esse engajamento nosso efetivo, substantivo com os movimentos populares, eu acho que são as

experiências do que eu chamo socialismo do cotidiano. Viver no dia-a-dia a partilha de uma vida que aponte para a construção desse outro mundo possível.

ML: Então explorar esse seu momento atual é também reviver o seu contato com Paulo Freire. Eu gostaria de acrescentar que são 50 anos da luta pela legalidade a partir da renúncia de Jânio Quadros. Essa luta pela legalidade foi o primeiro movimento que unificou todas as forças organizadas do País e que depois entenderam melhor que na verdade aquilo já era uma ameaça de um golpe possível. Então, voltando para a sua trajetória, como que esse jovem que entra na universidade para fazer Psicologia e ciência experimental foi se transformando em alguém que se interessa pela pesquisa-ação? E eu gostaria que você dissesse um pouco como foi seu caminho e quais são as suas influências nesse campo da pesquisa-ação. Porque naquele seu livro *Pesquisa Participante* você publica um documento simples do Paulo Freire que foi primeiramente divulgado oralmente, em que ele cria a alternativa da pesquisa em educação. Esse documento é para muitos o embrião dessa visão da pesquisa participante, da pesquisa-ação. E nos seus últimos livros, bastante significativos, você inclusive faz citação ao René Barbier que nós, aqui na Faculdade de Educação, tivemos o prazer de receber e que, na ocasião, autorizou a tradução do livro *Pesquisa-ação*. Ou seja, nós conseguimos traduzir o livro do René Barbier em 2002 e, em 2003, Carlos Brandão cita Barbier em seu livro. Então eu queria que você dissesse um pouco como que foi essa mudança, como é que se deu esse processo dentro da Psicologia, do experimental para a pesquisa-ação, para o popular, e Paulo Freire no meio de tudo isso?

CB: Interessante. Eu tenho outro livro *A pergunta* a várias mãos. Ele seria o primeiro de uma série de quatro que eu prometi ao Cortez, da Editora Cortez, e não cumpri. Ficou no primeiro volume, em que eu comento um pouco da minha trajetória. Não só a minha, mas a de várias outras pessoas da nossa geração no mundo universitário. Com raras e honrosas exceções, todos nós estávamos naquele tempo imersos num universo extremamente positivista e experimentalista, sobretudo no meu campo, na psicologia. Pra você ter uma ideia, nossa formação envolvia um ano de matemática, dois de estatística e mais dois de metodologia de pesquisa experimental. Eram cinco anos para produzir no último ano uma monografia.

E a minha própria formação como estagiário foi num laboratório de psicologia experimental. Por outro lado, eu estava envolvido nos trabalhos com a educação popular. Por exemplo, a minha experiência no MEB e junto a Paulo Freire quando eu partia do método da pesquisa do universo vocabular. Nós estávamos começando a descobrir outro universo.

Em primeiro lugar uma pesquisa que trouxesse mais a vida das pessoas; as suas falas, os seus sofrimentos, enfim. E que não apenas reduzisse tudo a quantificações, como inclusive acontecia nas nossas primeiras pesquisas sobre condições de vida em comunidades populares e que já representavam avanços,

já que eram pesquisas negociadas com a comunidade. Mas eram pesquisas muito pautadas em questionários e em trabalhos mais centrados na vida real. E Paulo Freire, ele nos desafia a esse grande salto, já que ele propõe não apenas como teoria, mas como prática, um método de alfabetização - depois um método que se estenderia ao programa de formação continuada - que começava com uma pesquisa não só sobre a comunidade e não restrita a indicadores de tipo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas uma pesquisa que era desenvolvida pelo próprio grupo de alfabetizando.

Essa é uma vertente da pesquisa participante. Ela é a vertente pedagógico-freireana. Enquanto isso, Orlando Fals Borda desenvolvia na Colômbia - trabalhando inclusive com pesquisas junto a comunidades de negros - aquilo que começamos a chamar de vertente Sociológica. Os dois se tornaram conhecidos, participaram juntos de encontros. E dessa convergência de um viés pedagógico-freireano com um viés de Fals Borda, vindo da sociologia, com outras contribuições que enriqueceram muito, todos nós desaguamos numa pesquisa que ousa dar um salto com relação à observação participante do antropólogo. Algo que representa uma experiência vivenciada, presentificada, interativa e dialógica, mas em que o grande maestro ainda sou eu. De repente a batuta do mastro se socializa: todo mundo pode orquestrar, todo mundo pode tocar na orquestra, e o interesse não é apenas produzir um conhecimento sobre a comunidade, mas produzir conhecimento com a comunidade e para ela. Essa que é a diferença. E foi o caminho que eu trilhei com muitas alegrias, inclusive publicando trabalhos do próprio Paulo.

ML: No Centro de Memória Viva aqui da Faculdade de Educação, nós encontramos um documento do Grupo de Trabalho da Comissão Nacional de Educação do Partido dos Trabalhadores, de autoria de Paulo Freire, Carlos Brandão, Dermeval Saviani e Moacir Gadotti. Como é que Paulo Freire, chegando ao Brasil em 1980 já com o Partido fundado participou desse documento? Como que Carlos, Saviani, Freire e Gadotti se envolveram na elaboração desse documento?

CB: Pois é uma coisa interessante de lembrar, que eu acho que explica muito da própria riqueza da polissemia de olhares e compreensões do Paulo. É que o Paulo vivenciou praticamente tudo que é possível no mundo da educação. Pouca gente lembra: ele se formou em direito e abandonou muito cedo a carreira; começou a docência dando aula num colégio de ensino médio no Recife; depois ele trabalhou no SESI, inclusive muito do que ele trouxe para o Circulo de Cultura foi aprendizado de dinâmica de grupo, de se sentar em volta de um círculo, que ele vivenciou no SESI. Depois ele foi para o serviço de extensão cultural da Universidade Federal do Recife, é quando ele cria o sistema Paulo Freire que deságua numa Universidade Popular: uma coisa que foi esquecida, mas que é muito importante. Foi nessa época que ele se envolveu com alfabetização.

Mais tarde, no exílio, ele se engajou, eu diria, no *que fazer* de um trabalho em

plano mundial, afinal ele estava no setor de educação do Conselho Mundial de Igrejas: ele viajava continuamente e se envolveu intensamente com a África. De volta ao Brasil, ele entrou na universidade novamente (na PUC e na Unicamp), depois foi para o MOVA trabalhar com a Luíza Erundina⁴ e termina a vida dele, já depois de estar desligado da Unicamp e com um vínculo ainda com a PUC, muito junto aos movimentos populares. Pouco antes de falecer, Paulo estava num assentamento de reforma agrária lá do Rio Grande do Sul.

Então, o que que aconteceu? Eu não tenho a data exata, eu tenho a impressão de que foi por volta de 1983, essa comissão de trabalho do PT se dirigiu ao Moacir Gadotti, se não me engano, e pediu a Moacir para juntar um pequeno grupo e elaborar o que seria *um documento de base para o PT sobre educação*. Na verdade foram vários documentos, esse aqui é sobre educação. Ele tinha até uma capa em papel jornal, depois saiu num livro do PT. Gadotti convida Paulo, Dermeval Saviani, que trabalhava na Unicamp, e a mim também, e nós elaboramos. Esse documento não traduz exatamente tudo, lá no livro tá mais completo. Cada um de nós elaborou uma parte assinada e depois uma parte comum que eu tenho até a impressão de que foi feita entre Gadotti e Paulo Freire, que é essa aqui. O importante nesse documento é que já naquele tempo o PT demonstrava interesse por uma estrada de dupla mão com relação à educação. Quer dizer, em primeiro lugar qual é o papel de um partido político num projeto nacional de educação? Isso a gente discutia muito antes do PT, nos anos 1960. E, em segundo lugar, em que o partido político é também um espaço formador, um espaço de educação? Não um espaço de adestramento politiqueiro, como nós vemos sendo disseminado hoje em dia, mas um espaço de formação conscientizadora, não só dos seus militantes, mas de outras pessoas, através deles. Então, esse documento ele guarda muito essa dupla entrada, o partido como educador e como formulador de uma política, de uma proposta de educação.

ML: É Carlos, eu acho que é importante essa sua compreensão do que seja o partido político, porque pra nós também fica muito a indagação: que é o que nos reúne aqui? Estar diante do Movimento da Estrutural, que é o que motiva hoje o Programa de Educação Tutorial conduzido pela professora Ana Tereza e seus alunos, no sentido de estarmos refletindo sobre essa imbricação da luta popular e do papel dos partidos, inclusive do Partido dos Trabalhadores. Então, é nesse sentido que eu te proponho outra indagação: para você, quais são os desafios que estão colocados hoje para uma práxis de base popular, fundamentada nos princípios da educação libertadora de Freire? Quais os limites e as possibilidades de mobilização e organização política na conquista de Direitos Humanos? Seria

⁴ Luiza Erundina foi prefeita de São Paulo entre 1989-1992 pelo Partido dos Trabalhadores, em cuja gestão Paulo Freire foi Secretário de Educação de 1989 a 1991.

rumo a um socialismo, a uma nova sociedade? E nesse seu caminho e nessa boa companhia de Paulo Freire, enquanto presente em outras dimensões, como é que você vê tudo isso hoje?

CB: Pois é, ainda ontem lá na Paraíba eu falava de duas coisas que misturam um pouco a antropologia e a educação e me ajudam a compreender tudo isso. Primeiro uma coisa que às vezes quando eu falo é mal compreendido, o pessoal da pedagogia fica meio bravo comigo: eu costumo dizer que uma das riquezas do mundo da educação é que ao contrário do que acontece em outras áreas - por exemplo, na engenharia, na odontologia - a educação é um campo aberto não só a múltiplas influências, mas tem uma quantidade e pluralidade de grupos de trabalho, como também é um campo aberto a outras pessoas. Eu costumo dizer que na educação, o educador de carreira, como Dermeval Saviani, por exemplo, é o organizador da casa, é alguém que cria as condições para que o projeto pedagógico funcione. Mas normalmente a educação se fertiliza quando pessoas não educadoras, vindas de fora da pedagogia - como o próprio Paulo Freire que é advogado ou Osmar Fávero que é matemático, eu mesmo que sou antropólogo, Luís Antônio Cunha que é sociólogo - cruzam e dialogam com os pedagogos e trazem o novo, trazem o que eu vou chamar mais tarde de *comunitas* dentro de uma estrutura.

Eu acho que a experiência não só de Paulo, mas dos movimentos de Cultura Popular, e é essa atualidade que nós devemos resgatar, foi muito rica nesse sentido. Quando produzimos, naqueles anos 1960, nas experiências de Educação Popular, aquilo que hoje chamamos de transdisciplinaridade - que parece uma grande novidade - era muito mais praticado naquele tempo. No MEB nós misturávamos matemática com dança, por exemplo; o desenho, a poesia de cordel, a literatura eram fundamentais na alfabetização e em Paulo Freire também: ele sempre teve preocupação com a beleza. Outra questão são as raízes populares. Muitas vezes nós pensamos, inclusive hoje em dia, nesse vínculo entre a universidade e o povo, no compromisso dos intelectuais com o povo como uma espécie de resgate de direito: vamos estender a esses que nunca puderam entrar na escola, o direito, através de cotas, de se integrarem no mundo da cultura erudita. Nós temos pensado nisso, e é uma reflexão não apenas Freireana, mas de toda essa polissemia de discussões e diálogos dos movimentos de Cultura Popular, como também uma estrada de lá pra cá. Nós estamos convencidos de que isso que chamamos de multiculturalismo é apenas a porta de entrada de alguma coisa muito mais complexa, extremamente mais complexa. Nós estamos desafiando esse pobre imaginário cientificista ocidental que só consegue enxergar validade científica, inclusive o que vale nos nossos currículos, naquilo que é formal, que é cancelado pela academia, que passa pelos sucessivos degraus da vida acadêmica e que tem o aval das revistas indexadas e que vai criando zonas de ilegitimação.

Nós estamos repensando tudo isso ao contrário. E não apenas antropólogos ou especialistas em futurologia ou em novas visões holísticas e transdisciplinares,

mas, também, biólogos, cientistas de universidades e educadores estão começando a se perguntar o seguinte: meu Deus do céu será que não chegou o momento de nós levarmos ao máximo de radicalidade aquilo que era o embrião do pensamento em Paulo Freire - *o ouvir o povo e aprender com ele*? Não apenas trazê-lo para a universidade, mas levar a universidade como aprendiz, como *aprendente* daquele tipo de sabedoria dos povos indígenas, dos quilombolas, das muitas e muitas ciências que existem e que têm sido, infelizmente, muito ignoradas através de uma violência simbólica que a universidade faz. Então quando nós nos perguntamos: outro mundo é possível? A pergunta que nos acompanha desde aqueles tempos, talvez desde antes, até hoje, não só nos Fóruns Sociais Mundiais, mas no nosso cotidiano.

Esse outro mundo possível será uma espécie desse atual mundo liberal capitalista melhorado? Não há melhora possível? As crises que aí estão não são apenas crises econômicas, pois a economia é apenas um degrau de uma crise que está envolvendo a consciência, o conhecimento, a arte, a cultura. Esse outro mundo é um mundo a construir. Velhos modelos, inclusive de experiências ultrapassadas, não nos servirão mais. Por outro lado, o modelo que nós temos e que nos é apresentado pelas agências do agronegócio como o único possível, não só não é o único possível como é o pior possível. Não há mundo pior do que esse que nós habitamos. Esse outro mundo possível é alguma coisa que aponta para uma sociedade solidária, socialista, na qual deverá haver uma inversão, uma transformação, não apenas de estruturas sociais, mas de corações e de mentes. No Paulo Freire *dos últimos momentos* é muito forte essa ideia de uma revolução que não é apenas um movimento de exterioridade política e nem sequer de éticas, mas de amorosidade, de construção de outra forma de a gente se relacionar com o outro, de buscar no outro uma pessoa, um alguém. Isso tem um valor muito grande no campo da educação.

No ano passado, no encontro sobre Transdisciplinaridade, inclusive com Edgar Morin, eu dizia, desafiando a ele - só que ele não tava presente porque estava adoentado - que tudo que nós temos feito na academia a partir das nossas grandes teorias e dos nossos múltiplos encontros é apenas um pequeno embrião do que eu acho que vem por aí. Eu acho que nós estamos vivendo as portas, começos de estradas no campo da cultura, no campo da criação artística, no campo da educação que está desaguando em tudo isso. Eu estava pensando na Rosa dos Ventos, no campo da nossa própria vida e do nosso destino que são inimagináveis. Eu acho muita graça quando eu vejo em grandes feiras de tecnologia e em propagandas, uma espécie de apostas de esperança da humanidade na tecnologia do futuro, como se de repente o avanço do celular e do laptop fosse o caminho da salvação. Mas, cada vez mais nós seres humanos estamos tão empobrecidos, tão desgraçados, tão burros, tão quadrados, que precisamos confiar nas máquinas. Eu digo: gente isso daí são as coisas que a gente cria. E aí eu me remeto não a Paulo Freire, mas a Pierre Teilhard de Chardin que era o nosso mentor nos anos

1960: a grande revolução não está no laptop que é uma máquina que eu joga fora ou num celular que fica ultrapassado. A grande revolução está aqui dentro, na mente humana, está dentro de nós. Isso é a única coisa inesgotável, inacabável que realmente pode transformar o mundo, as mentes, os corações.

Eu conversava isso com esse Paulo que tristemente eu chamo dos *últimos momentos*, dos últimos tempos, um Paulo muito doce, muito amoroso, muito aberto à poesia e começando a se abrir à questão ambiental. Tem uma frase muito bonita em que ele diz exatamente que ele gostaria de ser lembrado como homem que amou as pessoas, as plantas, as crianças e os animais. É uma das últimas frases dele. Então eu tenho clamado muito por uma espécie de pedagogia da *práxis*, uma espécie de pedagogia do atitudinal. Chega de pregarmos ideias a respeito de como o mundo poderia ser e vamos começar a dialogar entre nós, inclusive rompendo, quebrando o que for necessário para a criação de uma experiência, de um cotidiano relacional amoroso, solidário. Existem infinitas experiências por aí, inclusive aqui em Brasília, de socioeconomia solidária, de pessoas que estão começando a praticar concretamente no cotidiano de suas vidas outro modo de ser. Que estão se despojando do desejo ou do consumismo ou da vida de shopping ou então do sucesso na vida: tudo aquilo que uma educação empresarial, educação produtivista, que invade a própria universidade, prega como sendo o único caminho de realização. Eu, às vezes, nos meus momentos de radicalidade digo: chega de pensar em hierarquias e pós-doutorados e em sucesso de carreiras individualistas, produtivistas! Vamos nos agregar, vamos fazer isso que vocês estão tentando fazer aqui, vamos criar além das salas de aula, das disciplinas, do lugar chato e careta da educação inevitável, vamos criar grupos de trabalho, vamos sair, vamos conviver. Como eu sou antropólogo isso é uma prática muito nossa e eu acho que deveria ser também a do educador. Vamos em busca do povo, descobrir com ele o que ele tem; não por algo que ele possa aprender conosco, mas pelo que ele tem a nos ensinar, porque é muito mais do que nós imaginamos.

Agora mesmo eu estou vindo da Amazônia, eu tive lá em Santarém, e em um determinado momento da nossa conversa sobre tecnologias e desenvolvimento eu dizia o quê que é desenvolvimento aqui na Amazônia? Quem está trazendo o desenvolvimento? O agronegócio, a tecnologia de ponta que está devastando, que está ameaçando o equilíbrio da Amazônia e do mundo? Ou os povos indígenas que vivem aqui há milhares de anos num equilíbrio perfeito com a natureza? Ou os pequenos agricultores orgânicos da pequena agricultura familiar? Eles têm a ciência, esses outros têm a sabedoria: o quê que vai criar o mundo realmente humano? A ciência desumana do agronegócio ou a sabedoria não-tecnológica e rústica?

CB: Eu queria juntar tudo isso que foi falado, agora que eu estou virando contador de histórias também, com duas histórias. Uma que eu presenciei na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no ENESCPOP (Encontro nacional de educação, saúde

e cultura populares), um encontro de Cultura Popular que o pessoal de extensão programou. E outra que me foi contada pelo, se não me engano, Daniel Tygel: um brilhante estudante de Física lá da Unicamp que depois do mestrado abandonou uma proposta de doutorado no exterior pra ser um grande físico teórico e veio aqui para Brasília trabalhar no Fórum de Economia Solidária.

A primeira história que eu acho muito ilustrativa é a seguinte: no ano passado lá no ENESCPOP, numa das mesas tinha uma mulher índia cacique. Depois que a gente falou ela começou a falar, contando as arbitrariedades dos brancos produtores de ciência, e apontando o dedo pra gente, pra mim, antropólogo. E de repente ela deu um exemplo absolutamente inesperado pra mim, me pareceu ao mesmo tempo terrível e surrealista. Ela disse: “por exemplo, vocês, em nome disso que vocês chamam de pesquisa, vocês vão lá na terra da gente e fuçam os nossos cemitérios, desenterram os nossos mortos, trazem os ossos, põem em laboratório pra ficar estudando como que era nosso povo no passado. O que vocês achariam se nós viéssemos fazer a mesma coisa no cemitério de vocês?” Me caiu a ficha: porque a gente faz isso mesmo, continuamente.

A segunda história aconteceu lá na Unicamp, no prédio mais bonito da Unicamp, do Instituto de Matemática e Computação. E uma vez, o Daniel Tygel me contou a seguinte história: quando ele estava entrando no prédio, tinha um homem de roupa simples com evidente cara de não aluno e tava ali parado meio assim - entro ou não entro? E ele achou aquilo estranho. Como ele é um cara, no caso do Daniel, que está num movimento da educação - imaginem vocês, um estudante de física que criou um movimento de alfabetização de pessoas nas favelas próximas a Campinas - ele perguntou ao homem: “o senhor está esperando alguma coisa? Eu posso ajudar?” E o homem disse: “ô moço eu queria poder entrar aí, mas eu acho que eu não posso. Será que eu posso entrar?”. E o Daniel respondeu: “Ué, claro! O senhor pode ver que aqui não tem porta, qualquer um pode entrar.”. E o senhor retrucou: “será que um homem da minha condição também pode?” E o Daniel insistiu: “mas o quê que o senhor tem?” E o senhor respondeu: “é que eu sou pedreiro, e eu tinha muita vontade de entrar aí porque eu ajudei a construir esse prédio.”

Eu estava lá em João Pessoa fazendo uma reflexão e vou fazer aqui também. Eu costumo dizer que quando a gente fala em inclusão na educação, na universidade, ou então no sistema de cotas, ou então numa abertura para estudantes de escolas públicas, por exemplo, isso é uma dimensão que eu chamaria tardia. Podia ter sido realizada há muito tempo e ainda é apenas o primeiro patamar. E a gente às vezes fica pensando em ir a uma comunidade trabalhar e esquece que a gente vive cotidianamente no espaço mais exclusivo que existe. Por exemplo, esse pedreiro, ele não perguntaria se poderia entrar numa igreja, nem num puteiro, nem num bar. Mas estava com medo de entrar no prédio da universidade. Aliás, jardineiro também não entra. Vocês já pensaram nisso? Para que isso aqui funcione, copeiras, jardineiros, pedreiros, todo esse pessoal que torna possível nós estarmos aqui,

não pode estar aqui. Não é que não tenha lugar é que eles devem ter uma ordem lá dizendo: olha você vai lá serve o café e sai de fininho.

Nós convivemos cotidianamente com isso e não temos culpa, até não sabemos o que fazer pra não ser assim. Eu como sou carioca, o pessoal costuma dizer que carioca dá bom dia pra cachorro, eu, pelo meu prazer, converso com todo mundo. Aliás, é ótimo, é muito melhor conversar com a copeira do que com o reitor. A gente aprende muito mais conversando com um jardineiro, mas só que a gente não faz. Quer dizer, nós próprios inserimos essa exclusão no cotidiano. E quando eu toco nessa tecla, vou falar com muita franqueza, ela tem misturas muito malucas.

Eu acabei de escrever um artigo para um livro que uma professora da Federal de Goiás está organizando, sobre novos olhares na escola e na transdisciplinaridade. Então eu escrevi um artigo muito mal criado onde eu começo perguntando o seguinte: quem é transdisciplinar? Eu não conheço ninguém! Vocês conhecem alguém? Vocês já ouviram alguém dizer: eu sou transdisciplinar? Eu conheço marxista, construtivista, mas transdisciplinar, ninguém tem ousadia de dizer que é. Eu também não sou, não conheço ninguém que seja. E quando eu penso nisso eu começo a pensar em quais foram os espaços em que eu vivi experiências não só mais dialógicas e afetivas que me marcaram, mas, também, experiências disso que a gente chama de transdisciplinaridade? Em quais espaços essa integração, interação, indeterminação entre arte e ciência, entre saber popular e erudito, realmente tangenciaram minha vida?

No artigo eu começo falando na turma da rua: primeiro da minha rua lá em Copacabana, depois da Gávea, do nosso antro de malandragem. Nós meninos crescemos juntos durante 16 anos, e o que a gente conversava era em grande parte filosofia de vida: naquele tempo existia essa expressão, filosofia de vida, visão de mundo. Isso nós discutíamos ali nas rodas de malandragem e entre amigos - fumando escondido e bebendo uma pinga nos recantos da mata da Gávea - mais do que nas salas de aula que era uma coisa tardia e formal. Depois eu fui escoteiro. Aliás, acho que todo mundo devia ser. Não pode ser obrigatório, mas a gente vai fazer *fitness* na academia e ninguém se lembra de ser escoteiro, uma das coisas mais bonitas do mundo. Quarenta, cinquenta anos antes de se falar em ecologia e sustentabilidade a gente já andava no mato, respeitando a natureza, procurando compreender tudo aquilo, inclusive aquele código de regras de relações com a natureza: os escoteiros são grandes ambientalistas, como os índios. Depois eu fui escalador de montanha. Eu falo no artigo da *cordada* em que a gente ia um amarrado no outro: naquele tempo, hoje em dia não é mais assim. Foi um grande aprendizado. Depois falo das equipes de movimento popular, de movimento social, principalmente da Ação Católica que me marcou muito fortemente. Já não tenho mais uma vivência cristã, mas quando eu penso no lugar que pra mim representa a experiência da proximidade, do amor, da doação: é a comunidade cristã. E quando me contestam eu digo: apontem-me quantos professores, quantos acadêmicos e quantos cientistas foram mortos por pistoleiros no Pará nos últimos 20 anos?

Agora, quantos padres e freiras? Eu aponto para vocês aos montes! Quantos cristãos militantes saídos de comunidades de base? Tem de monte! Quem comprar aquela agenda Latino Americana do Dom Pedro Casaldáliga, vai ver. Quando morre um antropólogo lá no Pará, morre de doença ou de acidente, e dá um escarcéu danado.

Eu acho que todos esses exemplos vivenciados, eles me dizem muito mais do que as nossas teorias. Então, tanto com relação à questão da pesquisa, quanto com relação a uma revisita a esse mundo da universidade, o que se percebe é que esse universo está muito colonizado, cada vez mais colonizado pelo sistema capitalista - a própria Unicamp está se tornando uma universidade empresarial de uma forma galopante. E isso aparece, por exemplo, nas contradições entre o jornal oficial da Unicamp e o jornal da Adunicamp [Seção Sindical]. Tudo que esse aqui diz esse aqui desdiz: tudo que esse aqui mostra como as excelências da Universidade (a produção a qualidade, a comparação entre elas e as universidades internacionais), esse aqui vai dizer “mas isso é visão empresarial, produtivista, é tudo aquilo que corrói ou destrói o que a gente considera uma verdadeira universidade.” Ou seja, nós estamos nos tornando uma grande universidade à custa de nos tornarmos uma universidade desumana. Mas, no lugar de máquinas competitivas e competentes o que queremos são pessoas, pessoas amorosas como Paulos Freires da vida.

E eu acho que a minha visão tem muito mais de escoteiro, de escalador e cristão do que de antropólogo ou de doutor ou pós-doutor. Quer dizer a ciência fica de um lado e a sabedoria fica do outro. Eu acredito que nós estamos vivendo uma ditadura pior do que a ditadura militar que pelo menos era mais explícita; era mais honesta. A ditadura de hoje, é uma ditadura colonizadora de todos os setores mais íntimos da nossa vida. Basta parar na frente de uma banca de jornal: eu acho que é o melhor mostruário de como a mídia e a empresa colonizam as nossas vidas, invadem e determinam como é que a gente transa, como é que a gente beija, como é a gente afina a barriga, como é que a gente vive 100 anos fazendo dieta, ou, como é que a gente come comida deliciosa. Ou seja, tem manuais, livros, propagandas, fora as coca-colas e os Bradescos do mundo aparecendo como aqueles que estão gerenciando o futuro da humanidade e criando os novos espaços de sustentabilidade.

Vivemos num mundo em que a questão do que representa estar na sociedade capitalista não tem mais a ver com aquela polaridade antiga entre o povo e a elite, embora isso ainda seja importante. Hoje existem outras questões. Os estragos do agronegócio, por exemplo: há uma devastação do *agronegocismo* que está começando a nos corroer por dentro da nossa vida cotidiana. Ou, ainda, a luta, até mesmo inconsciente, pelo *meu sucesso individual, pela minha carreira*. Ou, então, quando os jovens dizem “vou fazer o curso que dá o melhor emprego”: outro dia li no jornal que 80% dos jovens que fazem direito não vão seguir carreira, estão fazendo direito pra conseguir qualquer boca. Isso são efeitos de um processo colonizador.

Aquele Festival de sustentabilidade que acontece em Paulínia-SP (Festival SWU), eu acho um exemplo incrível. Aquele encontro internacional cheio de boas intenções, só que só tinha roqueiros, não tinha um Décio Marques, uma Doroti Marques, um Elomar. Então é preciso o cara vir cantar em inglês para 60 mil pessoas, numa língua que não conhecemos, para dizer o que eu devo fazer para salvar o planeta? A colonização chega a esse ponto: deve ter sido patrocinado pela coca-cola.

Então, o quê que eu quero dizer? Eu acho que diante desse quadro internacional, muito consolidado de colonização da vida de um povo, acho que a gente tem que começar a enlouquecer juntos. Porque eu acho que pequenas respostas do tipo “olha nós vamos tentar fazer um movimento e tentar fazer um trabalho em tal comunidade”, isso é muito importante, mas é extremamente frágil frente ao poder avassalador que vem contra isso.

Mas, por outro lado, nós temos hoje experiências muito interessantes como, por exemplo, esses movimentos de simplicidade voluntária, que curiosamente é um movimento que veio dos Estados Unidos. São pessoas que de repente não querem ter um carrão, que não querem ter três computadores, e descobrem que é melhor ter uma vida simples, modesta, e ter mais tempo pra viver do que se cercar de parafernália e passar o resto da vida dedilhando teclados pra ver se a maravilha, ou a salvação, ou o tesão, vem na tela. Como por exemplo, a economia solidária, que é uma coisa frágil aqui no Brasil, mas que está aí pululante para todos os lados com moedas sociais e redes de troca. Imaginem que com toda fragilidade a economia solidária está apontando para o seguinte: até que ponto a gente tem no cotidiano da nossa vida - já que aqui não é Cuba - que depender do shopping, do Bradesco, do *McDonald's*? O fato é que não podemos apenas manter hábitos de vida mais saudáveis; temos que criar entre nós redes solidárias de uma experiência de troca.

Eu vou dar um exemplo concreto sem querer contar vantagem nenhuma porque eu acho isso uma coisa banal, tem muita gente fazendo. De repente eu descobri o seguinte: eu estou velho, daqui a pouco eu vou morrer, eu tenho um monte de livro que eu comprei a vida inteira. E qual é o sentido de ser meu? De estar guardado pra mim? Levei lá para a Rosa dos Ventos, está lá para quem quiser. As pessoas vão, leem lá, levam caixas de livros e depois de dois anos devolvem. Mas está lá a biblioteca, inclusive aumentando. Então eu responderia a tudo assim: eu acho que a educação tem aí um lugar muito importante. A gente tem que tomar a coragem de fazer uma resposta coletiva, a não ser que a gente esteja gostando desse mundo que tá aí a nossa frente e que vai ter poder colonizador cada vez maior.

Maria Luiza Pereira Angelim possui especialização em Educação-Ensino pela Universidade Federal da Bahia e mestrado em Educação Brasileira pela Universidade de Brasília. Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: Comunidade de Trabalho-Aprendizagem em Rede - CTAR, Educação à distância; Educação de jovens e adultos; Interatividade pedagógica e auto-formação - histórias de vida; Ambiente virtual em rede social; Paulo Freire. Email: langelim@unb.br.

Carlos Brandão é mestre em antropologia pela Universidade de Brasília e doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e professor visitante senior da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Tem experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia rural, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, educação popular, campo religioso, religião e educação. Coordena atualmente dois projetos de pesquisa nos sertões do Norte de Minas. Home Page: www.sitiodarosadosventos.com.br

Ana Tereza Reis da Silva é doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento - Epistemologia e Educação Ambiental, pela UFPR e Université Paris X; Professora Adjunta da Faculdade de Educação; Tutora do PET-Educação; Coordenadora do II Ciclo de Debate: Educação em Direitos Humanos. Email: tapajuara@gmail.com
